

## Percepção de jovens LGBT sobre violência em relacionamentos íntimos

Thenessi Freitas Matta<sup>1</sup>  
Stella Regina Taquette<sup>2</sup>  
Nádia Cristina Pinheiro Rodrigues<sup>3</sup>

**Resumo:** A violência entre parceiros íntimos (VPI) tem em sua raiz a desigualdade de gênero e pode ter como consequências desde o isolamento social até suicídios e homicídios. Ela ocorre também em casais não heterossexuais (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT. Pouco se conhece sobre VPI entre jovens LGBTs. O objetivo deste estudo foi compreender a percepção de jovens LGBT sobre VPI e seu enfrentamento. A pesquisa teve abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevista semiestruturada com 16 jovens LGBT de 18 a 30 anos de duas universidades públicas do estado do Rio de Janeiro. Foi feita análise de conteúdo dos dados coletados com o apoio do software webQDA. Os dados foram classificados em quatro categorias: tipificação do que é percebido como VPI, sua magnitude e fatores que a influenciam; desigualdades geradoras de VPI entre pessoas LGBT; LGBTfobia implícita e explícita percebida no ambiente universitário; reconhecimento e enfrentamento da VPI. A VPI com jovens LGBTs nem sempre é percebida pelos envolvidos e a desigualdade de gênero foi frequentemente considerada como motivação à VPI. O ambiente universitário foi visto como mais acolhedor, porém ainda assim existindo LGBTfobia. Amigos são os primeiros a serem buscados para apoio em violência, seguido pelo setor saúde. Conclui-se que jovens LGBTs passam por VPI com o agravante da sobreposição de vitimizações pela homofobia e têm maior dificuldade de obter apoio.

**Palavras-chave:** Minorias Sexuais e de Gênero. Violência por Parceiro Íntimo. Homofobia.

<sup>1</sup> Enfermeiro doutorando em bioética pelo Programa de Pós Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: thenessi@gmail.com

<sup>2</sup> Pós Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. Professora titular da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, professora permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências Médicas e do Programa de Pós Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva. E-mail: stella.taquette@gmail.com

<sup>3</sup> Pós Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Coimbra. Professora associada de Epidemiologia e Bioestatística no Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ e membro da Pós Graduação em Saúde Pública da FIOCRUZ e em Saúde Coletiva do IMS. E-mail: nadiacristinapr@gmail.com

A Violência Entre Parceiros Íntimos (VPI) é evento frequente que pode ter graves consequências para a saúde, incluindo suicídios e homicídios. Quando inicia na adolescência e juventude é um preditor da VPI na idade adulta. É entendida como qualquer ato violento em um relacionamento afetivo e/ou sexual. A desigualdade de gênero, ou seja, a diferença de poder entre os gêneros masculino e feminino na sociedade é apontada como principal razão para a ocorrência de VPI. (Boris e Cesídio, 2007; Taquette, Rodrigues e Bortolotti, 2015)

A maioria dos estudos científicos sobre VPI publicados se referem a casais heterossexuais e aponta alta prevalência entre adolescentes e jovens. (Beserra et al., 2015; Flach e Deslandes, 2017; Taquette e Monteiro, 2019) Revisão integrativa sobre violência entre parceiros íntimos realizada em serviços de Atenção Primária no Brasil evidenciou a ausência de publicações voltadas à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBT), revelando sua invisibilidade na porta de entrada do SUS. (Mendonça et al., 2020) Pesquisas que abordam a VPI na população LGBT jovem são escassas na literatura brasileira e internacional e é em sua maioria de natureza quantitativa, com medidas de prevalências, incidências e estimativas de associação com agravos de saúde como o isolamento social, infecções sexualmente transmissíveis e depressão. (Luo, Stone e Tharp, 2014; Martin-Storey, 2015; Stults et al., 2016) A falta de consenso acerca de incidência e prevalências de VPI na população LGBT é outro indicador da lacuna existente na literatura. (Finneran e Stephenson, 2013; Langenderfer-Magruder et al., 2016; Martin-Storey e Fromme, 2016; Stephenson e Finneran, 2017a; b; Stults et al., 2015, 2016)

A violência é um agravo de notificação compulsória desde 2011. Apesar disso, os dados disponíveis são considerados insipientes devido provavelmente à subnotificação dos profissionais e dos serviços que ainda não assimilaram de forma rotineira essa obrigatoriedade. (Brasil, 2011; Reyes et al., 2016) A VPI em relacionamentos heterossexuais é também subnotificada, e naqueles das minorias

sexuais, mais ainda, pois soma-se o fator da omissão pela estigmatização social. A homofobia é outro tipo de violência subestimada. Portanto, a VPI das minorias sexuais é um agravamento de saúde onde as subnotificações se somam, tornando-o quase um problema invisível e, portanto, difícil de ser combatido e seus agravos prevenidos e tratados. (Carrara et al., 2017; Ludermir et al., 2008; Oliveira et al., 2016). Além disso, esses indivíduos encontram dificuldades no acesso a espaços como o serviço de saúde. (Costa, Corrêa e Ribeiro, 2015)

Diante dessa invisibilidade, questiona-se como a população LGBT jovem percebe a VPI em seus relacionamentos íntimos e como lida com ela. Este estudo pretende preencher essa lacuna de conhecimento. Seu objetivo é compreender como os jovens que se identificam como LGBT percebem a VPI em seus relacionamentos, bem como as estratégias que consideram para enfrentar esse problema.

### **Método**

Dada a natureza subjetiva do objeto, optou-se pela abordagem qualitativa. Foi adotada técnica de entrevista individual norteada por roteiro semiestruturado, permitindo coleta de dados concretos e objetivos e dados fruto da reflexão do sujeito sobre a realidade que vivencia, com livre evocação de pensamentos acerca do tema. O público alvo do estudo foi composta por jovens de 18 a 30 anos cuja identidade sexual diferia do padrão heteronormativo, que tinham tido ao menos um relacionamento íntimo com pares LGBT e grau de escolaridade universitário em andamento ou finalizado. Essa faixa etária foi escolhida por se supor ter maior probabilidade de já ter vivenciado relacionamentos íntimos e experiências de violência, tendo passado pela adolescência, estando no ingresso na vida adulta e mercado de trabalho. O critério amostral utilizado foi a saturação de conteúdo.

Os jovens foram convidados através de postagem em redes sociais de Associações de estudantes LGBTs de duas universidades ou indicação de participante entrevistado. As instituições foram selecionadas por conveniência, devido à conhecimento prévio que facilitou o contato com as associações estudantis. Outra forma de convite foi por meio de pequenos cartazes com o contato do pesquisador e um resumo da pesquisa fixados nas universidades.

Houve dificuldade de captação de participantes para o estudo, pois o período de início de coleta de dados (2018) era de campanha eleitoral e conturbado politicamente, com radicalização e atitudes homofóbicas, provocadas por apoiadores de um dos candidatos à presidência. Devido a isso, Associações de estudantes e Coletivos LGBT foram extintos ou desativados, ficando reduzida a eficiência da captação via redes sociais. O recrutamento de sujeitos em sua maioria, portanto, foi feita por meio de abordagem espontânea, já em 2019, pelo pesquisador, diretamente nos campi universitários. Houve algumas recusas à participação que, na percepção do entrevistador, foi em razão de insegurança e medo do interlocutor.

Entrevistas foram realizadas no período de junho a dezembro de 2019, em local combinado com participantes. Tiveram duração média de 45 minutos, feitas por um único entrevistador, gravadas e transcritas na íntegra. Alguns entrevistados referiram alívio ao falar sobre suas experiências com violências.

Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, com o apoio do software webQDA através dos seguintes passos: leitura e releitura crítica do material para se ter noção do todo e das particularidades, busca de semelhanças e divergências nos depoimentos, recorte e colagem do texto de acordo com os temas emergentes, classificação em categorias, diálogo com a literatura e síntese interpretativa final. (Taquette e Borges, 2022)



A pesquisa foi apreciada e aprovada pelos Comitês de Ética das duas universidades participantes sob os números CAAE 02787518.5.0000.5259 e 02787518.5.3002.5243.

### **Resultados e Discussão**

Foram realizadas 16 entrevistas, três com jovens do sexo feminino e 13 do masculino. A maioria tem orientação homossexual (14) e dois bissexual. A idade dos participantes variou de 22 a 30 anos. A maioria deles era do curso de enfermagem (10) e os restantes de diversas graduações. Quanto à raça e/ou cor, 56% da amostra foi composta por pessoas pretas/pardas, se aproximando das estatísticas oficiais sobre a composição da população brasileira. Os dados sociodemográficos podem ser visualizados na tabela 1. Indivíduos que relataram também se relacionar com sexo oposto foram entrevistados apenas sobre os relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. Não houve narrativas sobre relacionamentos transfetivos.

**Tabela 1 – Dados Sociodemográficos dos Participantes (N=16)**

Dados sociodemográficos dos participantes (N=16).						
Variável		N° de Entrevistas	Sexo Feminino		Sexo Masculino	
			N	%	N	%
Idade	19 a 24 anos	8	0	0	8	61,54
	25 a 30 anos	8	3	100	5	38,46
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
Orientação Sexual	Homossexual	14	1	33,3	13	100
	Bissexual	2	2	66,7	0	0
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
Identidade de Gênero	Masculina	12	0	0	12	92,3
	Feminina	3	3	100	0	0
	Indefinida	1	0	0	1	7,7
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
Raça / Cor	Preta	5	1	33,3	4	30,76
	Parda	4	2	66,7	2	15,39
	Branca	7	0	0	7	53,85
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
Curso	Enfermagem	10	1	33,3	9	69,24
	Psicologia	1	1	33,3	0	0
	Direito	1	0	0	1	7,69
	Letras	1	0	0	1	7,69
	Arqueologia	1	1	33,3	0	0
	Biologia	1	0	0	1	7,69
	Artes Visuais	1	0	0	1	7,69
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
Religião Atual	Sem Religião	4	0	0	4	30,76
	Agnóstica	1	1	33,3	0	0
	Candomblé	2	0	0	2	15,39
	Wicca	3	0	0	3	23,08
	Budista	1	1	33,3	0	0
	Espírita	3	1	33,3	2	15,39
	Católica	1	0	0	1	7,69
	Umbanda	1	0	0	1	7,69
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
Relacionamento atual	Sim	9	2	33,3	7	53,85
	Não	7	1	33,3	6	46,15
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
VPI no relacionamento atual	Sim	1	0	0	1	7,7
	Não	8	2	66,7	6	46,15
	Não se aplica	7	1	100	6	46,15
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
VPI em relacionamento prévio	Sim	12	3	100	9	69,24
	Não	4	0	0	4	30,76
	<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>100</b>	<b>13</b>	<b>100</b>
<b>Total Geral</b>		<b>16</b>	<b>3</b>	<b>18,75</b>	<b>13</b>	<b>81,25</b>

Fonte: os autores, 2022.

Não observamos diferenças substanciais nos depoimentos dos entrevistados no que tange às características sociodemográficas, portanto, as análises dos dados textuais foram realizadas em conjunto e deram origem a quatro categorias temáticas, apresentadas a seguir.

### **Tipificação do que é percebido como VPI, sua magnitude e fatores que a influenciam**

Nessa categoria, buscou-se classificar as narrativas sobre VPI de acordo com o entendimento dos interlocutores acerca de sua concepção, magnitude, consequências para minorias sexuais e possíveis especificidades nos relacionamentos LGBT relacionadas à LGBTfobia.

A percepção sobre tipos de VPI foi convergente entre todos os participantes, desde as mais explícitas, como a física e a sexual, até as mais sutis, como a psicológica. De acordo com Beserra (2015) e Flach e Deslandes (2017), VPI pode ser entendida como qualquer ato violento dentro de um relacionamento, seja na dimensão psicológica, física, afetiva, entre outros. Nossos entrevistados corroboraram essa definição e resumem a VPI à ocasião em que a liberdade de uma das partes no relacionamento começa a ser tolhida. A partir desse momento começaria a violência que poderia culminar em formas mais ou menos graves. O relacionamento passa a ser abusivo no momento em que há quebra de confiança ou do contrato estipulado inicialmente, com a criação de uma relação de medo e cerceamento da liberdade.

- Se em algum momento não fica prazeroso e uma pessoa se vê obrigada a fazer alguma coisa, eu acho que já é alguma forma de abuso. (M7)

Sabe-se que a violência causa e mantém agravos de saúde, como sintomas depressivos e angústia. Ally, Abe & Miraglia (2017) demonstraram em estudo sobre

avaliação de impacto em saúde que há ligação da VPI e agravos como isolamento social e medo, referidas pelos nossos entrevistados, inibindo suas possibilidades de relacionamentos futuros.

Os entrevistados relataram que a VPI das minorias sexuais é um tema não debatido nos meios de comunicação, o que o torna pouco visível. Essa invisibilidade é observada em outros contextos, nos serviços de saúde e sistemas de garantia dos direitos. A literatura científica corrobora esses dados, evidenciando-a na Estratégia de Saúde da Família e na omissão do Estado frente aos crimes de ódio. Mesmo havendo uma política pública de saúde específica para as minorias sexuais, os dados encontrados nos estudos científicos mostram poucos avanços. (Ferreira *et al.*, 2019; Lima Santos, *et al.*, 2019; Machado, 2019)

No sistema de saúde essa invisibilidade se dá pelo fato de as pessoas terem uma visão predominantemente biologizante e binária sobre sexo e gênero. Isso gera atitudes discriminatórias e baixa qualidade no atendimento por parte dos profissionais. (Nascimento e Almeida, 2012; World Health Organization e Pan American Health Organization, 2013)

Quanto à magnitude da VPI das minorias sexuais, houve divergência entre os entrevistados. Alguns relataram ser menos ampla do que a dos relacionamentos heterossexuais e para outros ela é maior. As estimativas de prevalência de VPI neste público descritas nos estudos variam entre 20% e 78%. (Finneran e Stephenson, 2013; Langenderfer-Magruder *et al.*, 2016; Martin-Storey e Fromme, 2016; Stephenson e Finneran, 2017a; b; Stults *et al.*, 2015, 2016) Essa grande variabilidade de índices se deve provavelmente ao fato de os estudos serem realizados com escalas diversas e adaptadas às utilizadas em pesquisas com população heterossexual. (Finneran e Stephenson, 2013) Tais instrumentos não incluem especificidades LGBT como efeitos da LGBTfobia no relacionamento íntimo.

- .... eu acredito que nos casos de homossexuais sejam bem maiores do que as mulheres, só que isso é mascarado. (M13)
- Eu acho, pelo que me rodeia, os relacionamentos homoafetivos muito mais saudáveis. ... os casais homossexuais dialogam muito mais e isso diminui a violência... (M9)

A maioria dos entrevistados afirmou não haver especificidade dos relacionamentos LGBT quanto à VPI, que é semelhante a dos casais heterossexuais. Contudo, um participante relatou um tipo de violência que é exclusivo da população LGBT, a ameaça/efetivação do ‘outing’, que significa expor a identidade não heterossexual daqueles que a ocultam. Pessoas que têm sua identidade sexual escondida (“*less outness*”) encontram-se numa posição de menor poder na relação e revelar a orientação sexual do parceiro é forma comumente relatada de VPI. (Davis *et al.*, 2015; Kelley *et al.*, 2014; Miller e Irvin, 2017)

- Presumo que se você está num relacionamento com a pessoa você vai falar pra ela “olha, eu não consigo contar ainda pra todo mundo”. E aí se a pessoa te ameaça com base nisso, ela está te negando esse direito de você não falar sobre isso para as pessoas. (M2)

A homofobia foi externada por alguns participantes como podendo interferir no relacionamento e suscitar violências, principalmente no desenvolvimento de auto preconceito: homofobia internalizada.

Na sociedade contemporânea heteronormativa, aqueles que fogem desse padrão são vítimas de discriminações que os vulnerabilizam. Essa vulnerabilização leva a população LGBT a apresentar especificidades de saúde relacionadas ao preconceito que pode ser internalizado, tornando-se ódio auto dirigido ou contra seus semelhantes. (Borillo, 2010; Allport, 1966; Williamson, 2000) Indivíduos fragilizados pelo preconceito tendem a construir uma identidade menos saudável e a assumir comportamentos de risco, como abuso de bebidas alcoólicas, drogas e suicídio. (Allport, 1966; Cerqueira-Santos *et al.*, 2017; Souza *et al.*, 2019) A literatura assinala instituições



religiosas como as que mais emitem discursos homofóbicos e propiciam a internalização da homofobia.

Segundo Foucault (1999), historicamente a sexualidade foi vivida mais livremente até o século XVII, sendo restringida à forma heterossexual e reprodutiva após a revolução industrial. No padrão heteronormativo, se pressupõe que os indivíduos se sentirão atraídos por pessoas de sexo biológico e gênero opostos e aqueles que não seguem esse padrão são considerados anormais e podem assim se sentirem. (Araujo, 2015)

### **Desigualdades geradoras de VPI entre pessoas LGBT**

Nessa categoria estão reunidas percepções sobre fatores associados à VPI entre jovens LGBT e as diferenças de poder que provocam potenciais desequilíbrios favorecedores à ocorrência de VPI como heteronormatividade social, questões de gênero e papéis sexuais. Elencou-se como desigualdades geradoras de violência: poder aquisitivo, grau de instrução, emocional/afetivo, força física, traumas, estar bem resolvido com sua própria identidade sexual, envolvimento na relação e suporte familiar.

A questão de gênero foi abordada massivamente pelos entrevistados, deixando outras dinâmicas de poderes para segundo plano. Isso vai ao encontro do que a literatura evidencia sobre desigualdade de gênero, sendo histórica e a maior motivadora da VPI em casais heterossexuais (Boris e Cesídio, 2007; Taquette e Rodrigues, 2015).

‘Estar bem resolvido’ com a própria identidade sexual ou, em outras palavras, a autoaceitação de não seguir o padrão heteronormativo da sociedade pode ser entendida como fato específico dos relacionamentos LGBT. Por um lado, impõe-se socialmente a heteronorma e por outro a população LGBT foge à isso. Aqueles que não rejeitam a

própria identidade sexual tenderiam menos a entrar em conflito consigo mesmo ou com outros.

Desigualdade de poder entre gêneros é a principal geradora de violência entre parceiros íntimos heterossexuais, em que a mulher é quase sempre a parte mais vulnerável. No regime social patriarcal, o papel esperado da mulher é de passividade, calma e submissão e do homem é ativo e agressivo, além de sustentador da família. (Foucault, 1999; Giffin, 1994) Essa lógica se mostra presente também nos relacionamentos homoafetivos, onde frequentemente um dos parceiros desempenha o papel de gênero feminino e o outro, o masculino.

Foucault (1999) mostra quanto os papéis de gênero e a oposição à homossexualidade são importantes para o capitalismo. O homem se mantém no trabalho remunerado enquanto a mulher cuida do lar. Um casal de dois/duas homens/mulheres não seria viável para o capitalismo. Butler (2011) destaca que a performance de gênero é um processo de construção contínuo, tenso e fluido. Para ela, gênero é fixado numa performance, não numa essência, sendo construído por cada indivíduo e não imposto com base na sociedade.

Os papéis de gênero nas relações sexuais homoafetivas trazem uma diferenciação de poder. Enquanto rechaçam a heteronormatividade, acabam por transpor um dos pilares básicos dessa norma social de maneira, provavelmente, inconsciente.

- Acho que pode estimular essa questão de violência por uma questão heteronormativa de que existe um ativo e um passivo, um faz o papel de homem e o outro de mulher. (M10)

O estereótipo de gênero aplicado às relações homossexuais pareceu criar uma contradição na VPI. Enquanto esses papéis sexual e/ou de gênero criam diferença de poder, o sexo biológico não deveria gerar violência por serem iguais. Nessa lógica, um casal formado por duas mulheres, por exemplo, não entraria em conflito pois ambas

teriam os mesmos papéis e condições. Porém, a própria existência de casais homoafetivos foge à heteronorma, assim como a VPI nessas relações. No exemplo citado, as duas mulheres poderiam ter conflitos em seu relacionamento. Apesar da dinâmica de gênero ser principal motivador de VPI, ela é plástica nas relações homoafetivas, conforme a subjetividade individual. O indivíduo trabalha a si mesmo para se adequar o máximo possível à norma e ‘passar despercebido’.

Nesse sentido, um estudo comparou a ocorrência de abuso nos relacionamentos homoafetivos e heteroafetivos de mulheres e homens, encontrando taxas maiores nos relacionamentos gays ou lésbicos. Mulheres e homens apresentaram ter sofrido VPI em 78% e 47% das suas relações homoafetivas e em 67% e 26% nas heteroafetivas, respectivamente. Esse mesmo estudo também mostrou que lésbicas tendem a métodos abusivos de maior risco e ameaças de danos físicos. Os pesquisadores argumentam que isso pode ser justificado por estressores como a homofobia internalizada e a exposição à discriminação. (Gaman *et al.*, 2017)

Se a diferença de papel sexual configura crença de dominação, torna-se diferença de poder. Papéis sexuais nas relações LGBT assumem condutas sociais semelhantes às de homem e mulher heterocissexuais. A vulnerabilidade maior das mulheres à VPI nos relacionamentos heterossexuais parece também ocorrer nos relacionamentos LGBT.

### **LGBTfobia implícita e explícita percebida no ambiente universitário**

Essa categoria inclui o entendimento dos entrevistados sobre preconceito às pessoas LGBT no ambiente universitário. Foram apurados sentimentos suscitados pela discriminação dos estudantes na vida acadêmica. Foi consenso que o ambiente universitário é mais livre de discriminação que outros ambientes, podendo inclusive não existir, a depender da universidade ou curso. Para os entrevistados, a menor

discriminação se deve ao maior grau de instrução e pluralidade de pessoas. Porém, preconceito ainda pode ser percebido, mesmo que velado, tanto nas práticas do corpo docente como entre discentes.

- Até professores fazem isso. 'Ele é tão bom, as mulheres adoram ele. Dá pra ser obstetra porque as mulheres vão gostar. Ele é delicado.'. Você sabe que aqueles adjetivos são pra qualificar um homem gay. Eu entendo isso, mas não vejo falando de homem hétero assim." (F11)

A literatura científica corrobora esse dado ao apontar a existência desse preconceito no ambiente universitário em menor prevalência. Mas, mesmo em menor proporção tem consequências já evidenciadas, como a predisposição a pior desempenho acadêmico por parte dos alunos. O ambiente de educação básica (ensino fundamental/médio) tende a ser visto como mais segregador em termos de LGBTfobia. A universidade paradoxalmente é tida ao mesmo tempo como libertadora e preconceituosa. (Júnior, 2020; Santos, dos *et al.*, 2017) Estudo sobre representação social de pessoas LGBT em dois momentos diferentes de vida, no período escolar e universitário. Em ambos os ambientes predominaram ideias de descoberta, contudo, na escola, estas estão associadas ao medo e exclusão e na universidade à libertação e também ao preconceito. (Júnior, 2020)

Pesquisas abalizaram maior diversidade sexual na universidade e também a importância de mudanças curriculares para melhoria do cenário e diminuição do preconceito no ambiente acadêmico. (Alves e Santos Silva, dos, 2016) Práticas educativas habituais perpetuam modelos de comportamento da heteronormatividade. É necessário considerar a influência que currículos exercem nas atitudes discriminatórias. (Braga, Caetano e Ribeiro, 2019) A omissão do tema sobre diversidade sexual e gênero nos bancos escolares pode significar uma forma velada de preconceito e/ou reforço do mesmo. (Dinis, 2011; Matta *et al.*, 2021) Isso pode ser, por vezes, não intencional por não haver reflexão e debate acerca do preconceito social. É importante entender que a

falta de questionamento reforça a heteronormatividade. Ausência de iniciativas para reduzir a opressão das minorias mantém e reforça a opressão. (Freire, 2013)

A vida universitária traz numerosos ganhos aos estudantes, além da aprendizagem formal. Nas universidades existem programas de apoios, incluindo suporte psicológico, que podem contribuir para lidar melhor com conflitos nos relacionamentos e também com o sofrimento da homofobia. Contudo, cobrança, competitividade, e LGBTfobia podem provocar desconforto e danos, conforme percepção dos entrevistados.

A vivência acadêmica pode provocar sentimentos de isolamento, tristeza e inadequação, fruto das pressões. Escuta e enfrentamento se fazem cruciais para promoção de saúde e melhoria contínua do ambiente universitário. (Gomes, Araújo e Comonian, 2018; Graner e Cerqueira, 2019)

Outro fator percebido como influência positiva da universidade foi o aprendizado formal de temas relacionados às violências, que possibilita aquisição de conhecimento e empoderamento para identificar situações. Parcela dos entrevistados externou reconhecimento da universidade podendo ajudar casos de VPI com a população LGBT por informações veiculadas pelos centros acadêmicos, rodas de conversa, trabalhos acadêmicos, pesquisas científicas, movimentos sociais e disciplinas.

O papel dos docentes se fez bastante presente. Foi assinalado que eles contribuem com a redução da discriminação ao falar sobre temas delicados de forma livre e elucidando preconceitos, extinguindo-os, oferecendo conhecimentos específicos. Alguns professores fazem o inverso, até à revelia da cultura institucional e/ou ética. Enquanto a universidade tenta ser inclusiva, certos docentes atuam e expressam discurso racista, homofóbico, misógino, entre outros.

- Na universidade? Sim, principalmente os professores dessas matérias específicas, professores de sexualidade e gênero, saúde do homem. (M16)



Estudo que analisou experiências de homofobia sofridas por alunos LGBT na Universidade de Brasília encontrou dois relatos referentes a docentes: desprezo externado em formato de “piada”; e recusa do trabalho de conclusão de aluno pôr o material tratar sobre homossexualidade. (Mendes, 2012)

A questão não é uma batalha para encontrar culpado e inocente quanto à violência no contexto educacional. Corpo discente e docente pertencem ao mesmo macrocosmo social. Não se deve negligenciar a violência nesse contexto nem a pensar como no sentido único aluno para professor. (Silva, da e Silva, da, 2018)

### **Reconhecimento e enfrentamento da VVPI**

Aqui são apresentadas concepções dos entrevistados sobre identificação da VPI, bem como enfrentamento. Narrativas perpassaram a dificuldade de se perceber em relacionamento abusivo, falta de suporte ao precisar de ajuda principalmente sendo LGBT, dificuldade que diferentes concepções de violência acarretam e reconhecimento do diálogo como primordial.

A primeira coisa distinguida, ao questionar-se ações de enfrentamento, foi que pessoas envolvidas em relacionamento violento têm dificuldade em reconhecer a violência. Mecanismos para lidar ou sair da relação estariam dificultados até a pessoa se entender nessa situação. Para ajudar nessa percepção, os participantes recomendaram a interferência de pessoas externas que constatassem o que estava acontecendo, mesmo que apenas para chamar a atenção. Entretanto, isso pode ser complexo numa sociedade que acredita no ditado popular que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, ou seja, discussões de casal são de cunho íntimo e ninguém estaria autorizado a interferir, mesmo que haja violência. Tal concepção pode, inclusive, dificultar o acesso a meios institucionais de apoio como delegacias. (Gomes *et al.*, 2013)

- Durante a questão do relacionamento, você não consegue perceber nem que você tá num relacionamento abusivo. (M12)

Mesmo que a pessoa se veja nessa situação de violência, talvez não consiga lidar por motivos aquém de sua vontade, o que foi relatado pelos participantes semelhantemente ao apontado na literatura para a VPI que acomete mulheres. Na violência contra mulheres heterossexuais, são bem conhecidos motivos pelos quais uma mulher não sai da relação abusiva: esperança, medo, sentimento de culpa e impotência, pouco apoio, dependência econômica, entre outras. (Curia *et al.*, 2020; Moreira, Oliveira Pôncio, de e Damasceno, 2019) Esses motivos são igualmente percebidos em relacionamentos LGBT que sejam violentos/abusivos.

Apesar de todos concordarem sobre o conceito de VPI, para alguns ela pode ser rotina consentida no relacionamento. Isso torna particularmente complicado quando pensa-se sobre uma pessoa estar em relacionamento abusivo e não entender assim. Qual seria o limite entre comportamentos violentos não percebidos pela parte violentada e comportamentos potencialmente violentos que são rotina/aceitos pelas duas partes do casal? Essa fronteira revela-se tanto subjetiva quanto tênue. Nossos entrevistados entenderam que o consenso determina o que vai ser abusivo ou não, sendo que para que se possa ter essa consciência é preciso autoconhecimento e diálogo.

Alguns estudos abordam estratégias de proteção contra VPI para a população LGBT, assim como características que são fatores de proteção. Destacam-se: incorporação de questões sobre VPI durante testagem para ISTs; apoio de familiares e amigos; maior sensibilização da equipe de saúde; ampliação do nível educacional; grupos de apoio; políticas de diminuição das desigualdades sociais e homofobia social. Ter parceiro fixo mostrou-se como significativamente associado à diminuição da VPI ao longo do tempo, enquanto terminar um relacionamento que envolva VPI é encarado como autopreservação. (Finneran e Stephenson, 2014; Gaman *et al.*, 2017;

Goldberg-Looney *et al.*, 2016; Kelley *et al.*, 2014; Martin-Storey e Fromme, 2016; Miller e Irvin, 2017; Stephenson e Finneran, 2017a; b; Stults *et al.*, 2015, 2016)

Estratégias sugeridas por nossos interlocutores puderam ser resumidas em: desconstrução de conceitos como de gênero; busca de conhecimento profissional, como terapia psicológica; diálogos com amigos e roda de conversas sobre essas experiências.

- Tentar se despir de tudo que foi colocado pra gente até hoje. Essas questões de gênero, do afetivo, do emocional. (M3)

Quanto às estratégias para evitar entrada em relacionamento abusivo foi citado não se entregar muito rapidamente e sim conhecer ao máximo a pessoa com quem pretende-se relacionar. Um 'pré relacionamento' racional e analítico. Intuição, conhecimento acerca de relacionamentos anteriores, autoconhecimento e autovalorização, diálogo com outras pessoas, estabelecimento de contrato e regramentos também foram relatados.

Sobre lidar com situações de VPI, foi unânime relato de a melhor forma ser a pessoa sair da relação, se livrando do abuso, evitando perpetrar atitudes igualmente violentas como resposta e sim recorrendo ao diálogo.

Apesar de todas as táticas abalizadas, reconheceu-se que continua sendo uma situação difícil pela imprevisibilidade e subjetividade do comportamento humano.

- É muito difícil, porque quando a gente entra num relacionamento as pessoas se apresentam de uma forma, depois as coisas vão tomando outras proporções. (M15)

Quando questionados sobre onde procurariam ajuda, foi exposta uma dificuldade singular das minorias sexuais: a necessidade de revelação de sua identidade sexual, que pode estar em segredo. (Goldberg-Looney *et al.*, 2016; Goldenberg *et al.*, 2016; Stiles-Shields e Carroll, 2015) Por este motivo é comum a pessoa LGBT sofrer

algum abuso no relacionamento e não recorrer às autoridades. (Langenderfer-Magruder *et al.*, 2016) Estudos relatam que legislações sobre VPI em vários países não cobrem, explicitamente, casais do mesmo sexo, criando uma lacuna no atendimento e minimizando essa violência no sistema legal, acarretando em menor denúncia. (Stiles-Shields e Carroll, 2015)

Busca de ajuda mais citada foi com amigos, ficando família em segundo plano. Setor saúde foi bastante citado, principalmente profissionais da psicologia. Contudo, a procura por apoio no setor saúde pode significar ser revitimizado em consequência da visão biologizante. (Nascimento e Almeida, 2012; World Health Organization e Pan American Health Organization, 2013) Isso ganha um agravante nos casos de VPI. Vítimas de VPI costumam procurar atendimento em momentos de conflitos mais intensos. Soma-se a barreira dos serviços de saúde à população LGBT com a invisibilidade da VPI e ampliam-se obstáculos sociais. Universidade não foi vista como ponto apoio, salvo pelos grupos ativistas discentes. Religião foi referenciada apenas por um interlocutor. Mas, pode-se constatar que a estratégia principal foi diálogo e busca de autoconhecimento e informações sobre VPI.

### **Considerações Finais**

Os entrevistados afirmaram unanimemente terem passado por VPI ou conhecerem alguém que a vivenciou. Principais achados apontam para a conhecida invisibilidade da VPI e da homofobia, tornando essa violência na população LGBT potencialmente mais grave e de difícil solução. Principais estratégias de prevenção foram autoconhecimento e diálogo com o/a parceiro/a, mas estando em um relacionamento abusivo a única forma de lidar seria terminando a relação com ajuda, principalmente, de amigos ou profissionais psicólogos. Vale ressaltar a importância que foi dada pelos participantes ao ambiente acadêmicos e universitário na redução do

preconceito e como propulsor de mudanças de comportamento. O lócus universitário é entendido como mais seguro, mas ainda tendo algum preconceito velado, o que torna a segurança sentida fácil de ser quebrada.

A população LGBT se recolheu após as eleições de 2018 por medo, já que o discurso presidencial reforçava a homofobia e perseguia quem defende causas mais progressistas de direitos sexuais e reprodutivos. Coletivos LGBT foram desativados ou diminuíram sua frequência de comunicação, além das pessoas aumentarem sua desconfiança com estranhos em prol de autopreservação. Isso gerou dificuldade de recrutamento de participantes e influenciou no número de recusas à participação.

Ressalta-se como limitação do estudo o público-alvo restrito a jovens universitários, pois outros estratos populacionais menos escolarizados podem ser mais vulneráveis a este tipo de violência. Apesar disso, considera-se que seus resultados podem contribuir para aperfeiçoamento de políticas públicas e programas de enfrentamento à VPI, LGBTfobia e promoção da saúde da população LGBT, a exemplo das melhorias sugeridas pelos entrevistados como a criação de grupos de conversa/apoio sobre VPI com pessoas LGBT, diminuição/eliminação do estigma no ambiente social e melhor atenção à notificação das violências.

Outros estudos são recomendados para construir uma base sólida na literatura científica brasileira sobre a VPI em diferentes estratos etários/escolares da população LGBT, caracterizando melhor o fenômeno e otimizando o enfrentamento.

## Referências

- ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. [s.l.] Addison-Wesley, 1966.
- ALLY, E. Z.; ABE, K. C.; MIRAGLIA, S. G. E. L. K. **Avaliação do Impacto da Violência entre Parceiros Íntimos na Saúde Mental da População Brasileira**, p. 31, 2017.
- ALVES, R. DE C. D. P.; SANTOS SILVA, E. L. DOS. **Universidade, Gênero e Sexualidade: experiências curriculares e formativas de Estudantes não heterossexuais na UFRB**. Revista Gênero, v. 17, n. 1, 2016.
- ARAUJO, L. **Representações sociais de enfermeiras e médicos do campo da saúde sexual e reprodutiva sobre as mulheres lésbicas**. 2015.



- BESERRA, M. A.; LEITÃO, M. N. C.; FERNANDES, M. I. D.; SCATENA, L., VIDINHA, T. .S. S.; SILVA, L. M. P. FERRIANE, M. G. C. **Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe: Brasil**. Revista de Enfermagem Referência, n. 7, p. 91–99, 2015.
- BORILLO, D. **Homofobia - História e crítica de um preconceito**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. DE H. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Rev. Mal-Estar e Subjetividade, v. 7, n. 2, p. 451–478, 2007.
- BRAGA, K. D. DA S.; CAETANO, M.; RIBEIRO, A. I. M. **A educação e o seu investimento heteronormativo curricular**. Momento - Diálogos em Educação, 2019.
- BRASIL. Portaria Nº 104, de 25 de janeiro de 2011. **Define as terminologias adotadas em legislação nacional, conforme o disposto no Regulamento Sanitário Internacional 2005 (RSI 2005), a relação de doenças, agravos e eventos em saúde pública de notificação compuls**. Diário Oficial da União, 2011.
- BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. [s.l: s.n.].
- CARRARA, S.; AGUIÃO, S.; LOPES P. V. L.; TOTA, M.. O retrato da discriminação e da violência homofóbica no rio de janeiro através de uma pesquisa de vitimização. *In: Retratos da Política LGBT no Estado do Rio de Janeiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, 2017. p. 272.
- CERQUEIRA-SANTOS, E.; CARVALHO, C. A. G. S.; NUNES, L. M., SILVEIRA A. P. **Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos**. Temas em Psicologia, 2017.
- COSTA, C. M. A.; CORRÊA, M. C. D. V.; RIBEIRO, C. D. M. **Capacidades Básicas das Mulheres Transexuais: Estratégia de Avaliação da Efetividade do Processo Transexualizador no Brasil**. DIVERSITATES International Journal, v. 7, n. 1, p. 18–39, 2015.
- CURIA, B. G., GONÇALVES V. D.; ZAMORA, J. C.; RUOSO, A.; LIGÓRIO, I. S.; HABIGZANG, L.. **Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, 2020.
- DAVIS, A.; BEST, J.; WEI, C.; LUO, J.; VAN DER POL, B.; MEYERSON, B.; DODGE, B.; AALSMA, M.; TUCKER, J.; **Intimate Partner Violence and Correlates With Risk Behaviors and HIV/STI Diagnoses Among Men Who Have Sex With Men and Men Who Have Sex With Men and Women in China: A Hidden Epidemic**. Sexually transmitted diseases, v. 42, n. 7, p. 387–392, jul. 2015.
- DINIS, N. F. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, n. 39, p. 39–50, 2011.
- FERREIRA, B. O.; PEREIRA, E. O.; ROCHA, M. B.; NASCIMENTO, E. F.; ALBUQUERQUE, A. R. S.; ALMEIRA, M. M.; PEDROSA, J. I. S.. **“Não tem essas pessoas especiais na minha área”: saúde e invisibilidade das populações LGBT na perspectiva de agentes comunitários de saúde**. Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde, v. 13, n. 3, 2019.
- FINNERAN, C.; STEPHENSON, R. **Intimate partner violence among men who have sex with men: a systematic review**. Trauma, violence & abuse, v. 14, n. 2, p. 168–185, abr. 2013.
- \_\_\_\_\_. **Intimate partner violence, minority stress, and sexual risk-taking among U.S. men who have sex with men**. Journal of homosexuality, v. 61, n. 2, p. 288–306, 2014.
- FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. **Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica**. Cadernos de Saude Publica, 2017.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I - A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. São Paulo, SP.: [s.n.].
- GAMAN, A.; MCAFEE, S.; HOMEL, P.; JACOB, T. **Understanding Patterns of Intimate Partner Abuse in Male-Male, Male-Female, and Female-Female Couples**. The Psychiatric quarterly, v. 88, n. 2, p. 335–347, jun. 2017.
- GIFFIN, K. **Violência de gênero, sexualidade e saúde**. Cadernos de Saúde Pública, v. 10, p. S146–S155, 1994.

- GOLDBERG-LOONEY, L. D.; PERRIN, P. B.; SNIPES, D. J.; CALTON, J. M.. **Coping styles used by sexual minority men who experience intimate partner violence**. *Journal of clinical nursing*, v. 25, n. 23–24, p. 3687–3696, dez. 2016.
- GOLDENBERG, T.; STEPHENSON, R.; FREELAND, R.; FINNERAN, C.; HADLEY, C.. **“Struggling to be the alpha”: sources of tension and intimate partner violence in same-sex relationships between men**. *Culture, health & sexuality*, v. 18, n. 8, p. 875–889, ago. 2016.
- GOMES, C.; ARAÚJO, C. L.; COMONIAN, J. O. **Sofrimento psíquico na Universidade: uma análise dos sentidos configurados por acadêmicos**. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 2018.
- GOMES, N. P.; CARVALHO M. R. S.; COUTO, T. M.; DINIZ, N. M. F.. **Violência conjugal e o atendimento da mulher na delegacia e no serviço de saúde**. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 27, n. 2, 2013.
- GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. DE A. R. **Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2019.
- JÚNIOR, I. B. O. **Escola e Universidade: Representações Sociais de estudantes LGBTQIA**. *Currículo sem Fronteiras*, v. 20, n. 1, p. 290–312, 2020.
- KELLEY, M. L.; MILLETICH, R. J.; LEWIS, R. J.; WINSTEAD, B. A.; BARRACO, C. L.; PADILLA, M. A.; LYNN, C.. **Predictors of perpetration of men’s same-sex partner violence**. *Violence and victims*, v. 29, n. 5, p. 784–796, 2014.
- LANGENDERFER-MAGRUDER, L.; WHITFIELD, D. L.; WALLS, N. E.; KATTARI, S. K.; RAMOS, D.. **Experiences of Intimate Partner Violence and Subsequent Police Reporting Among Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Queer Adults in Colorado: Comparing Rates of Cisgender and Transgender Victimization**. *Journal of interpersonal violence*, v. 31, n. 5, p. 855–871, mar. 2016.
- LIMA SANTOS, L. R.; BARROS, M. A. J.; FERREIRA, M. C. M.; GIULIANI, C. D.. **Políticas Públicas voltadas para a população LGBT**. *Caderno Espaço Feminino*, v. 32, n. 1, 2019.
- LUDERMIR, A. B.; SCHRAIBER, L. B.; D’OLIVEIRA, A. F. P. L.; FRANÇA-JUNIOR, I.; JANSEN, H. A.. **Violence against women by their intimate partner and common mental disorders**. *Social Science and Medicine*, 2008.
- LUO, F.; STONE, D. M.; THARP, A. T. **Physical dating violence victimization among sexual minority youth**. *American Journal of Public Health*, v. 104, n. 10, p. 66–73, 2014.
- MACHADO, L. B. DE O. S. **A invisibilidade mata: as consequências do não reconhecimento do crime de ódio cometido contra pessoa LGBT no Brasil**. *Asces Unita*, 2019.
- MARTIN-STOREY, A. **Prevalence of Dating Violence Among Sexual Minority Youth: Variation Across Gender, Sexual Minority Identity and Gender of Sexual Partners**. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 44, n. 1, p. 211–224, 2015.
- MARTIN-STOREY, A.; FROMME, K. **Trajectories of dating violence: Differences by sexual minority status and gender**. *Journal of adolescence*, v. 49, p. 28–37, jun. 2016.
- MATTA, T. F.; TAQUETTE, S. R.; SOUZA, L. M. B. M.; DE MORAES, C. L.. **Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do Ensino Médio do do Município do Rio de Janeiro, Brasil**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 11, 22 nov. 2021.
- MENDES, T. M. DE C. **A homofobia na Universidade de Brasília: discriminação, expressões e representações entre estudantes**. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- MENDONÇA, C. S.; MACHADO, D. F.; ALMEIDA, M. S.; CASTANHEIRA, E. R. L.. **Violência na Atenção Primária em Saúde no Brasil: uma revisão integrativa da literatura**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2247–2257, 2020.
- MILLER, B.; IRVIN, J. **Invisible Scars: Comparing the Mental Health of LGB and Heterosexual Intimate Partner Violence Survivors**. *Journal of homosexuality*, v. 64, n. 9, p. 1180–1195, 2017.
- MOREIRA, I. D.; OLIVEIRA PÔNCIO, T. G. H. DE; DAMASCENO, M. R. **Violência Doméstica: uma problemática de saúde pública**. *Anais do Seminário Científico do UNIFACIG*, n. 5, 2019.

- NASCIMENTO, Z. C.; ALMEIDA, M. V. G. **Reflexões sobre gênero. Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Estudos sobre a diversidade sexual e de Gênero da ABEH.** [s.l: s.n.].
- OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; PIRES, T. O.. **Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras.** *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 32, n. 3, 2016.
- REYES, H. L. M.; FOSHEE, V. A.; NIOLON P. H.; REIDY, D. E.; HALL, J. E.. **Gender role attitudes and male adolescent dating violence perpetration: Normative beliefs as moderators.** *Journal of youth and adolescence*, v. 45, n. 2, p. 350–360, 2016.
- SANTOS, V. E. F. A.; VASCONCELOS, U.; NEGRO-DELLACQUA, M.; LIMA, K. M.; FERREIRA, L. O. C.. **Prevalência da homofobia entre alunos da Universidade de Pernambuco em 2012.** *Revista Saúde e Desenvolvimento*, v. 11, n. 6, p. 66–83, 2017.
- SILVA, M. DA; SILVA, A. G. DA. **Professores e Alunos: o engendramento da violência da escola.** *Educação & Realidade*, v. 43, n. 2, p. 471–493, abr. 2018.
- SOUZA, D. C.; DUQUE, A. N.; CASTRO, I. G.; MESQUITA, I. S.. **A produção literária sobre homofobia internalizada.** *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 2019.
- STEPHENSON, R.; FINNERAN, C. **Minority Stress and Intimate Partner Violence Among Gay and Bisexual Men in Atlanta.** *American journal of men's health*, v. 11, n. 4, p. 952–961, jul. 2017a.
- \_\_\_\_\_. **Receipt and Perpetration of Intimate Partner Violence and Condomless Anal Intercourse Among Gay and Bisexual Men in Atlanta.** *AIDS and behavior*, v. 21, n. 8, p. 2253–2260, ago. 2017b.
- STILES-SHIELDS, C.; CARROLL, R. A. **Same-Sex Domestic Violence: Prevalence, Unique Aspects, and Clinical Implications.** *Journal of sex & marital therapy*, v. 41, n. 6, p. 636–648, 2015.
- STULTS, C. B.; JAVDANI, S.; GREENBAUM, C. A.; KAPADIA, F.; HALKITIS, P. N.. **Intimate partner violence and substance use risk among young men who have sex with men: The P18 cohort study.** *Drug and alcohol dependence*, v. 154, p. 54–62, set. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Intimate partner violence and sex among young men who have sex with men.** *Journal of Adolescent Health*, v. 58, n. 2, p. 215–222, 2016.
- TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos.** 1ª ed. Petrópolis: Voes, 2022.
- TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M. **Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review.** *Journal of Injury and Violence Research*, v. 11, n. 2, p. 137, 2019.
- TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. DE O. **Experiências homossexuais de adolescentes: Considerações para o atendimento em saúde.** *Interface: Communication, Health, Education*, v. 19, n. 55, p. 1181–1191, 2015.
- TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A. DE O.; BORTOLOTTI, L. R. **Infecção pelo HIV em adolescentes do sexo masculino: Um estudo qualitativo.** *Ciencia e Saude Coletiva*, 2015.
- WILLIAMSON, I. R. **Internalized homophobia and health issues affecting lesbians and gay men.** *Health education research*, v. 15, n. 1, p. 97–107, 2000.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION, W.; PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, P. **Addressing the causes of disparities in health service access and utilization For lesbian, gay, bisexual and trans (LGBT) persons.** Disponível em: <[https://www.who.int/hiv/pub/populations/lgbt\\_paper/en/](https://www.who.int/hiv/pub/populations/lgbt_paper/en/)>. Acesso em: 18 ago. 2020.

## Perception of LGBT youth about violence in intimate relationships

**Abstract:** Intimate partner violence (IPV) is rooted in gender inequality and can have consequences ranging from social isolation to suicides and homicides. It also occurs in non-heterosexual couples (lesbians, gays, bisexuals, transvestites and transsexuals - LGBT). Little is known about IPV among young LGBTs. The objective of this study was to understand the perception of LGBT young people about IPV and their confrontation. qualitative, carried out through a semi-structured interview with 16 LGBT youth between 18 and 30 years old from two public universities in the state of Rio de Janeiro. Content analysis was performed on the data collected with the support of webQDA software. The data were classified into four categories : typification of what is perceived as IPV, its magnitude and factors that influence it; inequalities that generate IPV among LGBT people; implicit and explicit LGBTphobia perceived in the university environment; recognition and confrontation of IPV. IPV with LGBT youth is not always perceived by involved and gender inequality was often considered a motivation for IPV. The university environment was seen as more welcoming, but still LGBTphobia exists. Friends are the first to be sought for support in violence, followed by the health sector. It is concluded that young LGBTs go through IPV with the aggravation of the overlapping of victimizations by homophobia and have greater difficulty in obtaining support.

**Keywords:** Sexual and Gender Minorities. Intimate Partner Violence. Homophobia.

**Recebido: 06/09/2022**

**Aceito: 02/11/2022**